Ensino de Sociologia em Debate
Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Maria Cristina Alves[1]

Introdução

A infância é uma construção moderna que tem diferentes configurações em variados espaços culturais, classe sociais, gêneros, etnias e época. Como seres em formação necessitam de constantes mediações perante a socialização, mesmo com certa dependência para uma efetiva autonomia, a criança é um ator social ou sujeitos sociais que interagem com o mundo de forma singular e necessitam ser visto. Pensado e mediado em sua singularidade.

A criança não é uma tabula rasa, nem um ser de inocência sendo corrompido pela sociedade, muito menos um ser naturalmente social. Ela é um animal como qualquer outro da natureza que precisa tornar-se humano pelas ações e codificação e decodificação de símbolos sociais do grupo do qual pertence. Esta aprende este simbolismo social não de forma passiva, ela apropria-se destes códigos sociais de forma dinâmica e ativa dando novos significados e recriando estes códigos transmitidos na interação entre seres de uma mesma espécie.

A criança pequena é por natureza um ser de imitação, pois é através da imitação que ela re-significa o mundo ao seu redor, esta releitura do mundo feita através da imitação não compreende de uma copia do real e sim uma releitura singular da vivencia de cada criança. Estudar a o brincar desta criança é compreendê-la em sua construção simbólica e como interage e significa suas relações sociais. De que forma compreende e assimila as relações sociais que orientam sua maneira de estar no mundo.

Desde bebê o infante é inserido em um mundo social cheios de símbolo e significados próprios de sua cultura, e aos poucos na interação do adulto vão aprendendo

[1] Contato: mcbiaepilar@gmail.com

de forma ativa e recriando estes símbolos. O primeiro símbolo adquirido pela criança pequena seria o choro, através do choro, o recém nascido sabe que será atendido seja para alimentar-se, para higiene ou até mesmo para um aconchego. O choro é inato da criança mais ao decorrer interação com a família e choro ai criando sentido para ambos e sendo interpretado em diferentes situações. Após este vem tantos outros signos e símbolos adquiridos na interação de adulto e criança e o meio o qual este pertence.

As primeiras linguagens da criança pequena são construídas com a família e após é ampliado pela instituição escolar. Por isso a necessidade de uma sociologia da infância, pois os códigos modificam também as expectativas em relação às crianças que estão envolvidas cada vez mais cedo no processo de escolarização. A escolarização inicia com 0 a 3 anos nas creches e 4 a 6 na instituições de educação infantil.

A necessidade de repensar a instituição que destina ao cuidado de criança pequena, da formação dos profissionais envolvidos neste processo, e na voz deste ator social, a criança, para qual destina todo este aparato do e Estado. Uma sociologia da pequena infância constrói-se a partir da rede institucional e da profissionalização dos modos de guarda.

A educação escolar vai além da transmissão de conhecimento elaborado historicamente, a educação escolar, principalmente a educação infantil esta diretamente ligada ao valor cultural dado à criança em uma determinada temporalidade. Pode afirmar que a educação é uma interação entre cultura e conhecimento elaborado onde ambas "conversam" entre si em diferentes momentos do processo educativo. Brandão (2002) explana sobre a importância da educação como cultura:

> A educação é um dos nomes dados a este milagre. Ele lembra outros: socialização, endoculturação, internalização da cultura e outros. Todos têm, no entanto, algo em comum: são progressivos e resultam em processos de interação de saberes em graus e modos sempre mais amplos e profundos; não são necessariamente restritos a ciclos restritos da vida, podendo acompanhar ao longo de toda a sua vida; são sempre resultado de interação significativas da pessoa com ela mesma, de pessoas entre elas, como sujeitos sociais e como categoria diferenciais de solidariedade, e de pessoas com sistema e estrutura de símbolos e de significados (p. 26).

Sociologia da Infância: Um Novo Olhar Para Um Novo Infante

A criança por muito tempo foi vista como um ser passivo da ação de um adulto e necessitado de ação moral disciplinar na construção desta identidade, ou seja, ao nascer

a criança seria como uma esponja que absorve os símbolos, a linguagem, as regras de convivência e as formas de interagir de maneira imitativa as pessoas de seu convívio. A criança vista deste ângulo foi muitas vezes silenciada, excluída e invisíveis em políticas e regras destinadas a ela.

Pires (2010) descreve esta visão de criança:

> A socialização poderia ser pensada como a aquisição gradativa de conhecimentos sobre determinado assunto. A criança, ser passivo, aprende. O adulto, ser ativo, ensina. A relação seria unilateral e não comportaria direções contrárias. A linha do conhecimento viria, literalmente, de cima para baixo. A cultura se adquiriria em um processo semelhante. A criança - um ser associal em quem a cultura será inculcada. O trabalho de socialização das crianças seria visto como um mecanismo progressivo de aquisição de cultura. Essa maneira de pensar repousa sobre a definição do adulto portador de cultura, do bebê enquanto ser associal e da criança enquanto ser se tornando social à medida da inculcação dos padrões de comportamento culturais de sua região natal. Nesse sentido, cultura é algo que se adquire, que está localizada no mundo dos adultos e cabe a eles passá-la adiante. A cultura teria um remetente e destinatário, assim como um endereço fixo (p.146).

A modernidade, segundo Skiliar trouxe nova forma de ver o outro "[...] porque se multiplicam suas identidades a partir das unidades já conhecidas; se repetem exageradamente os nomes sobre os nomes já pronunciados" (2005, p.198). Apesar das anunciadas mudanças para Skiliar "A mudança tem sido, então, a burocratização do outro, sua inclusão curricular, seu dia no calendário, seu folclore, seu exotismo, sua pura biodiversidade" (2005, p.199).

Apesar da negação do outro a ciências sociais tem como função pensar a sociologia da infância, aportada em pesquisas que revelem cotidiano, experiências, saberes e vozes das crianças diante da diversidade, rompe com o autoritarismo do mundo adulto e dá a essa criança uma identidade tanto tempo ignorada.

A sociologia da infância tem por objetivo dar voz a esta criança, incluindo-a como um ator social, de identidade singular, de construção histórica, política, social e cultural. Para estudar a criança em sua cultura é necessário a ciências socais compreende-lo em suas próprias produções, analisar como interage com a cultura, como pensa, como age e se relaciona como o mundo. O infante muda de acordo com o espaço, o tempo, classe social e a cultura que está inserido, portanto não tem como padronizar o atendimento a crianças em diferentes espaços e muito menos unificar ações destinadas a elas.

Contextualização da Sociologia da Infância Segundo Plaisance

A sociologia da infância segundo Eric Plaisance (2004) "[...] a sociologia da pequena infância pode então ser definida como uma sociologia da socialização da criança pequena." Segundo o autor a criança vem a escola cada vez mais pequena e a sociologia da infância não se limitaria a estudar somente as relações da criança em processo de institucionalização (creches, educação infantil, escolas) mais também em todos os espaço de interação social (como a família).

Plaisance (2004) também difere a socialização pode entendida de três distintos níveis: socialização não se confunde com sociabilidade, pois a família é a primeira instituição da criança pequena e a inserção desta criança em outros tipos de instituição (escolar, trabalho, religioso) é a transformação deste seres humanos em seres sociais; a segunda forma de ver socialização seria de um modelo vertical da imposição, defendida por Durkheim. Neste ângulo, a socialização é impositiva, acontece na escola por meio da coerção de idéias sentimentos e praticas. É função da escola é levar a criança entender a regras sociais como regras impessoais elevando-a ao saber moral e respeito as regras pela regras; a terceira forma de conceber a educação seria de forma interativa, uma concepção mais contemporânea de socialização, nesta perspectiva a criança é ator social que relaciona de forma ativa com as regras e a partir de suas experiências sociais vão significando e ressignificando-as.

Uma abordagem de socialização interativa, onde a criança é "ouvida" na construção de uma ação participativa, são visíveis suas limitações na educação infantil devido à idade que criança inicia seu processo de socialização: 0 a 6 anos. Nesta fase a criança encontra-se em desenvolvimento em: linguagem; construção de símbolos e significados. Para torná-la real esta abordagem contemporânea de socialização é necessária, segundo Plaisance (2004), uma ampliação de campo de pesquisa, colocando outros atores sociais em analise: a instituição familiar.

A socialização da infância tomando como base a criança como um ator social, onde inclui a instituição familiar como membro importante para a interpretação deste infante, torna essencial também investigar a importância e o significado dado à instituição da criança pequena pela família e como ela acontece, é vista, em diferentes classes sociais. Sobre isso, Plaisance (2004) afirma:

> Como vemos, a chave dessa análise sociológica repousa na confrontação entre a socialização escolar e a socialização familiar ou ainda, para usar a

> terminologia de Pierre Bourdieu, entre o *habitus* familiar e o *habitus* escolar. Contanto, é claro, que se compreenda a socialização familiar e, portanto, o *habitus* não como homogêneos, mas, pelo contrário, como fundamentalmente diversos segundo os pertencimentos sociais dos pais, pertencimentos mais exatamente referidos às classes e frações de classes sociais (p.09).

A socialização e a institucionalização da criança devem ser abordadas também de forma cultural, política, histórica e social.

A Instituição Escolar no Processo de Construção Deste Autor Social

A educação escolar infantil tem um aspecto crucial que diferencia de outras instancia de escolarização: a não obrigatoriedade de assimilação de determinados conteúdos para fase subseqüente; a avaliação como registro de fases cognitivas individuais não como forma de controle pedagógico seletivo e classificatório, como acontece em outras instancias escolares.

Tendo em vista esta “autonomia” em relação à assimilação do conhecimento socialmente acumulado não tendo um controle forte, pedagogicamente falando, sobre estes conteúdos, a instituição infantil não padece com a aceleração e o enquadramento de conteúdo como acontece no ensino fundamental, médio e superior.

Portanto, acredito ser necessário apostar em estudos sociais de discurso pedagógico, que orientam a rotina da escola, a ação do professor, as formas com que estas ações interferem na formação deste autor social que é a criança, e principalmente, como a criança interage entre si e entre os membros que fazem parte deste processo educativo.

A educação infantil deve ser um campo de intenso aparato investigativo das ciências sociais, pois é nesta fase que a criança que iniciam a primeiras interações fora do convívio familiar. Investigar esta relação de interação e socialização infantil seria questionar-las e tornar consciente sua ação do adulto perante a criança.

Bernstein (2003) analisa as diferenças existentes entre discurso e ação de conceitos educacionais de competência e desempenho em contextos educacionais mais amplos. Ele demonstra claramente o dualismo da ação do professor em diferentes categorias: competência e desempenho. Sendo a primeira uma ação que contribui para uma pratica social com potencial criativo e uma auto-regulação virtuosa e inerente (2003, p. 79); e a segunda “coloca em ênfase na produção do adquirente, um texto especifico

que o adquirente deve elaborar, e nas habilidades especializadas e necessárias para a produção desse texto ou produto especifico" (Bernstein, p. 81).

O autor deixa claras as características do modelo de competência e desempenho. Bernstein (2003) subdivide a analise desses conceitos educacionais em seis subitens: categoria de espaço, tempo e discurso; orientarão pedagógica para avaliação; controle pedagógico; texto pedagógico; autonomia pedagógica; e economia pedagógica (2003, p. 82)

O conceito de competência é posto da seguinte forma: o discurso "emerge em formas de projetos, temas e diversidade de experiências, onde os adquirentes têm controle significador sobre a seleção, seqüência e ritmo"(Bernstein, 2003, p.82). Quanto ao espaço são poucos definidos, a circulação é facilitada e os adquirentes têm relativo controle sobre a construção destes espaços. O tempo da pratica pedagógica segue o tempo da perspectiva do adquirente (2003, p.83). A avaliação do discurso institucional é difusa e implícita. O controle é baixo visto que o adquirente como auto-regulador. Já o texto pedagógico, no modelo de competência, é o desenvolvimento da competência do adquirente, de modo cognitivo-afetivo ou social, somente o professor tem acesso aos significados e signos deste texto. A autonomia do adquirente é ampla já do professor é reduzida, os recursos usados tendem a ser menos predeterminados (2003, p.85). Em economia, o modelo de competência tende a ser mais caro devido a necessidade de profissionais altamente especializados (2003, p. 86).

Em contraponto, o modelo de desempenho se configura assim: o discurso "provém da especialização do sujeito [...] as regras são explicitas. Os adquirentes têm menos controle sobre a seleção, seqüência e ritmo. São atribuídas notas aos textos dos adquirentes (desempenho) e a estratificação desloca as diferenças entre os adquirentes" (BERNSTEIN, 2003, p. 82). Quanto ao espaço são limitados e bem demarcados. A avaliação "os critérios são explícitos e específicos, e o adquirente tomará consciência de como reconhecer e analisar um texto legítimo" (2003, p. 83). O controle, no modelo de desempenho, é forte. "Os enquadramentos e as classificações são recursos de controle. (2003, p. 84). O texto pedagógico é essencial, e o desempenho é traduzido por meio de notas (2003, p. 85). A autonomia se dá após a aquisição do discurso especializado, numa atividade autônoma. É um modelo de baixo custo aplicativo, em comparação ao modelo de competência. "O modelo de desempenho são mais suscetíveis ao controle externo e seus aspectos econômicos,"(2003, p. 87).

O autor revela o antagonismo das duas concepções para a formação da identidade humana:

> Os modelos de competência são considerados terapêuticos (porém "capacitadores" por seus patrocinadores), embora os objetivos de cada modo sejam diferentes, ao passo que os modos de desempenho, pelo menos os regionalizados e os genéricos, sevem a finalidade econômica e são considerados instrumentais (BERNSTEIN, 2003, p. 93).

E mais, Bernstein afirma que:

> Todos os modelos de competência, apesar das oposições, têm em comum a preocupação com o desenvolvimento (liberal/progressivista), o reconhecimento (populista) e a mudança (radical) da consciência. Os modelos de competência são terapêuticos e diretamente conectados ao controle simbólico. Os modelos de desempenho e principalmente sua mudança estão mais diretamente ligados à economia, embora tenha nitidamente a função de controle simbólico (BERNSTEIN, 2003, p. 93).

É possível observar que para o autor a identidade construída pelo modelo desempenho tende a favorecer uma formação especializada e com pouca conquista de autonomia social, ou seja, uma educação mais voltada para o mercado e para perpetuação da estrutura econômica vigente, onde anula as diferenças e silenciam a diversidade. Já o modelo de competência é possível construir um agente social interativo, uma concepção de formação mais voltada para o reconhecimento próprio do individuo que é respeitado em suas especificidades, e buscando uma consciência política através da ação social.

Este texto de Bernstein (2003) vem complementar a sociologia da infância que busca uma formação da criança em suas potencialidades, individualidade e contexto cultural. É necessário um espaço coletivo de educação para o respeito e a valorização das diferenças de uma educação que favoreça a diversidade rompendo com os processos de homogeneização, que silenciam as crianças e embasam preconceitos.

Professor Pesquisador: Considerações Finais

A necessidade de um professor pesquisador que atenda, faça mediações e ouça esta criança em sua própria cultura. Compreender um ator social norteado por variadas situações de socialização é necessário ter uma sensibilidade, respeito e principalmente "muita habilidades de pesquisador, especialmente as de observação e levantamento de

hipóteses, as quais exigirão a implementação ema atividades que envolvam diferentes linguagens corporais (MELLO, 2010, p. 57).

Pires (2010) ressalta a ambiguidade de pesquisar a criança e a necessidade de compreendê-la em uma cultura dinâmica.

> A cultura ou a sociedade é algo dinâmico que não está localizado em lugar algum, mas pode ser pesquisado nas relações entre as pessoas. As crianças não apenas são ensinadas pelos adultos, como também ensinam aos adultos e aos seus pares. No entanto, ser criança comporta uma ambiguidade que ao pesquisador torna seu objeto ainda mais fascinante. Os adultos chegam a se irritar com as crianças na idade dos porquês. Elas tudo questionam, não tomam o mundo como dado. Por isso, observando as crianças é mais fácil observar a cultura em ação, o processo de "tornar-se" cotidiano, próprio da dinâmica cultural, é mais óbvio (PIRES, 2010, p.148).

A sociologia da infância vem como objetivo de compreender o outro em seu contexto político, histórico, social e cultura rompendo com a idéia exposta por Skliar (2003):

> A conclusão, já conhecida, sobre a relação entre modernidade, educação e escola são evidentes: o tempo da modernidade e o tempo da escolarização insistem em ser , como decalques, temporalidade que só desejam a ordem, que temam em classificar, em produzir mesmiedades homogêneas, integras, sem fissuras, a salvo de toda contaminação do outro; a espacialidade da modernidade e o espaço escolar insistem em ser como imãs de sangue, espacialidade que só buscam restringir o outro para longe de seu território, de sua língua, de sua sexualidade, de seu gênero, de sua idade, de sua raça, etc (p. 45).

Promover uma educação em favor a diversidade, da significação dos bens acumulado socialmente por culturas distintas, levando a criança compreender a si como produtora de cultura e outros como agentes singulares é acima de tudo uma ação política. Esta ação deve ser refinada pelo aprofundamento da cultura e sociologia da infância, questionando e transformando o sistema educacional escolar que visa à homogeneização do infante.

Referências:

BERNSTEIN,B. **A pedagogização do conhecimento:** estudos sobre recontextualização. London: Routledge. 1975.

PIRES, Flávia. O que as crianças podem fazer pela antropologia? **Horizonte Antropológico**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 137-157, Dez. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 jul. 2016.

PLAISANCE, Eric. Para uma sociologia da pequena infância. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 25, n. 86, p. 221-241, Apr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 jul.2016.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.